

Buenos-Aires, 25 de fevereiro de 1933

Caro amigo e companheiro Octacilio,

Libres

Dou em meu poder sua carta de 18 do corrente, bem como do telegrama em que me anunciava a chegada do nosso amigo Anibal. E espero que estas linhas já o encontrem de posse de noticias tranquilizadoras a respeito da saúde da senhora. Entendo que em caso nenhum deve o amigo arriscar-se a entrar no Rio Grande para ir ter com a senhora, por mais penoso que isto lhe possa ser, pois será infalivelmente preso e, nesta hipótese, o afastamento será muito mais completo e penoso. Em lugar de poder assistir a enferma, tornaria muito mais precária a sua assistencia. Demais, suponho que a senhora deve estar cercada de todas as atenções e cuidados, tão bem recomendada deve ter sido. Se precisar de alguma recomendação suplementar, estou ás suas ordens. Não esqueça tambem de pedir os recursos necessarios, que já lhe oferecemos.

O caso do telegrama do Glicerio tem a seguinte explicação, a meu ver: o Neves escreveu ao Glicerio, fazendo-lhe sentir a nossa discordância quanto á orientação por ele dada á sua conferencia com o amigo. Não sei se se melindraram, mas o fato é que julgaram inutil insistir no assunto. Depois da carta do Neves, não tivemos noticia de Rivera.

Ontem á noite, enviei-lhe o seguinte telegrama: "Tenga precaución no tome ninguna iniciativa aguarde instrucciones carta domingo." Devo-lhe a explicação deste despacho, explicação que vai em carater absolutamente confidencial.

O coronel Taborda ausentou-se com quasi todos os seus officiais e o fez um tanto misteriosamente. Divulgou-se logo que haviam partido para fazer estourar a coisa no Rio Grande. Por mais absurdo que isso parecesse, combinava com certas circunstancias e nos alarmou. Daí o telegrama acima referido. O cel Taborda já regressou, mas não sabemos do objetivo da sua viagem.

Estava eu escrevendo estas linhas, quando me veio ás mãos a sua carta de 23. Eu poderia limitar a minha resposta a esta simples difamação: que é inexata a informação do Gashipo. O que se deu foi coisa muito diferente. Dizendo-se habilitado a influir decisivamente no dissídio militar, quis ele saber qual era a nossa opinião, para agir de acordo com ela; respondemos-lhe que a nossa orientação não mudara, isto é, que tal questão devia ser resolvida pelos militares, para que não fosse atirada de péssimo sobre os políticos a culpa do fracasso, e que nós sómente interviriámos em último caso e, ainda assim, sómente depois da chegada do Lusardo, de cuja informação detalhada e fidedigna do ocorrido em Lisboa não poderíamos prescindir. Assim sendo, concluímos, ele, Gashipo, como militar que era, poderia tomar a atitude que bem entendesse. Foi o que ocorreu.

Eu poderia cingir-me a isso que aí fica, mas já que o amigo exberna o seu pensamento sobre a "lamentável questão", eu também vou fazê-lo, tanto mais quanto as intrigas não fervilham apenas contra o cel Taborda.

Preliminarmente, far-lhe-ei notar que eu não conhecia, senão por vagas referências, tanto o cel Taborda, como o Cel Figueiredo. Não tinha, como não tenho, motivos para preferências pessoais. Aqui chegado para referendar a escolha do cel Taborda, tais foram as referências do Neves a ele, que logo o fiz depositário de toda a minha confiança.

Vamos agora aos fatos. O cel Taborda foi eleito e investido aqui a título provisório, para ir coordenando os trabalhos, enquanto não fosse designado o chefe em Lisboa. Isto ficou bem claro no discurso do cel Palimercio, pronunciado no almoço das vésperas de Natal e ao qual ninguém opôs a menor restrição. Duas consequências decorrem deste fato: 1º - legitimidade do órgão de Lisboa, pois se ele era competente para eleger os generais Klinger ou Isidoro ou o cel Taborda, também deveria sê-lo para nomear o cel Figueiredo; 2º - aqui chegado o eleito de Lisboa, o cel Taborda deveria passar-lhe a chefia. E, quanto a nós, políticos, só nos restava passar a reconhecer o cel

nhecer o cel Figueiredo de acordo com as premissas estabelecidas. Foi assim que procedemos? Não. Pensando sobretudo nos interesses supremos da causa, apelamos para que os militares resolvessem harmonicamente a contenda e tomamos uma atitude de abstenção, assim pensassemos que a solução mais conveniente seria a de um tertius.

Assim, se alguém se poderia queixar da nossa parcialidade, seria, sem dúvida, o cel Figueiredo, que não recebeu de nós a assistência que tinha o direito de esperar, ao sair de Lisboa. E' o que succede? Não. Quem nos acusa de parcialidade, de duplicidade e nos favorece com os mais agradáveis epitetos é o cel Taborda, o que só bastaria para demonstrar a superioridade do seu espirito.

Agora outro ponto para o qual peço a sua atenção. O cel Taborda nunca agiu conosco com a necessaria franqueza, nem antes de surgir no horizonte o caso Euclides. Organizou em S. Paulo um comité secreto, constituído exclusivamente de perrepietas, entre os quais figura o famigerado Coriolano de Góes e sempre esteve em comunicação com ele, sem nos dar conhecimento. Ia a Monteiro encontrar-se com emissarios de S. Paulo e nada nos communicava, nem antes, nem depois. Nunca nos pôs ao corrente do que se faz no Rio Grande. Se não fôsse V., estaríamos inteiramente no escuro. O tal comité de S. Paulo era de tal ordem, que chegou a declarar expressamente que no Rio Grande só reconhecia o Paim. Tudo isso foi antes do caso Euclides e apesar disto tomamos uma attitude mais favoravel aquelle, do que a este.

O amigo diz que conhece o cel Taborda e responde por ele, Oxalá não se engane. Mas é preciso ter em mente que uma coisa é um homem entregue ás lihas do quartel e outra um homem embriagado de gloria. Repito: oxalá V. tenha razão, mas é prudente não por a mão no fogo. Todos os entásiasmos de ordem pessoal são perigosos.

A nossa conduta no dissidio foi, como já disse, de rigorosa abstenção. Isso não impediu que manifestassemos particularmente a nossa opinião: um ter-

tius, que deveria ser um general. Mas, como tive ocasião de declarar ao cel Taborda, essa iniciativa deveria partir de Lisboa. Quem nomeou, deve desnomear. Foi nessa ocasião que, tendo-lhe eu repetido que, se os militares não chegassem a acordo, nós nos retirariamos, ele declarou, num acesso de colera que, com a Frente Unica, ou sem ela, se faria a revolução. Que significa isso?

Muita coisa teria eu a dizer-lhe, mas é quasi impossivel fazerlo por carta. Em todo caso, peço que se lembre de uma coisa: quem estas linhas escreve pode estar em erro e está sempre pronto a reconhecer e emendaros seus erros, mas é um homem que, na sua já longa vida publica, nunca se deixou conduzir por móveis de natureza pessoal. Tratando-se da causa pública, não sei ter preferencias.

Doravante, minhas cartas serão lacradas com o sinete que reproduzo abaixo.

Aceite um forte abraço, com os calorosos votos pelo pronto restabelecimento da senhora.

Do amo e compo admor

P S)- O Lusardo e o Ripoll deverão chegar na proxima sexta- feira.